

EXPERIÊNCIA DE LEITURA X PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: a (re) construção da subjetividade

Izandra Alves¹

RESUMO: Muitos são os projetos realizados por instituições governamentais e Ongs para levar a leitura literária até aqueles que são considerados pouco leitores. Estes, quase sempre, estão afastados do mundo dos livros, seja por questões econômicas, sociais ou ainda culturais. Atingir os que a escola nem sempre consegue - por conta das muitas dificuldades que enfrenta e dos problemas que fogem ao seu controle - tem se tornado um desafio para os mediadores de leitura. Assim, neste trabalho, pretendemos citar um projeto de leitura desenvolvido com meninos internos da Fundação Case Caxias do Sul, habitantes temporários do que chamaremos aqui de espaço em crise, lugar onde os projetos de leitura normalmente não chegam. Como aportes teóricos, utilizaremos os conceitos de Vicent Jouve, Wolfgang Iser (1979, 1996), Hans Robert Jauss (1994), Michèle Petit (1999, 2005, 2009, Michel Peroni (2003) e Jorge Larrosa (2003, 2011).

Palavras-chave: Leitura; Literatura; Espaço em crise; Mediação.

ABSTRACT: There are many projects performed by governmental institutions and NGOs in order to take literary reading to those who are considered to read little. These people are, almost always, apart from books in general for economical, social or cultural issues. Approaching those which school not always accomplishes to do so – because of many difficulties it faces and problems beyond its control – has become a challenge for reading mediators. Thus, in this paper, we intend to talk about a reading project developed with detainee boys in a juvenile detention system called Fundação Case in Caxias do Sul. They are temporary inhabitants of what we will call a space in crises, where the reading projects normally do not arrive. Our theoretical input is based on Vicent Jouve, Wolfgang Iser (1979, 1996), Hans Robert Jauss (1994), Michèle Petit (1999, 2005, 2009, Michel Peroni (2003) e Jorge Larrosa (2003, 2011).

Keywords: Reading; Literature; Space in crises; Mediation.

INTRODUÇÃO

Nem o difícil acesso ao local, nem os muros altos, nem as grades, nem os cadeados, tão pouco as frequentes e constrangedoras inspeções a que eram submetidos os meninos e as restrições de uso de determinados materiais puderam nos afastar daquele espaço em crise. Um espaço que repele muitos pesquisadores, nem tanto por conta das dificuldades em realizar suas pesquisas mas, principalmente, por conta dos pré-conceitos para com os habitantes desses espaços. Adolescentes e jovens distanciados da sociedade não só através das grades e dos muros, mas, principalmente, isolados pelas muralhas do descaso e do descrédito daqueles que deveriam cuidar e proteger.

¹ Doutora em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Professora Curso de Letras Português/Inglês do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, campus Feliz.

Trata-se de um projeto de pesquisa que realizei junto a um grupo de meninos que cumpriam medidas socioeducativas no Case Caxias do Sul, no RS. Quinze meninos escolhidos pela equipe técnica da instituição levando em conta critérios específicos (tempo de casa, internação total sem saídas no final de semana, não participação em outros projetos...), dentre mais de noventa internos, participaram de também quinze oficinas de leitura que aconteceram nos sábados pela manhã, em um período de aproximadamente 5 meses. Nestes encontros, foram abordadas leituras de temáticas sugeridas por eles e que contemplaram diferentes gêneros textuais. Tínhamos por intuito verificar como as leituras diárias iam interferindo na maneira como cada um olhava para si mesmo e para o mundo a sua volta. Para tanto, no primeiro encontro, além de responderem a uma ficha inicial sobre dados acerca de leitura e vida estudantil, escreveram um texto/parágrafo discorrendo sobre “Sou assim”. A cada encontro, depois das leituras e debates, escreviam completando a ideia: “Depois das leituras de hoje, me sinto assim...”. Por fim, ao término dos quinze encontros, voltavam à questão primeira e reescreviam sobre “Sou assim”. De mão destes escritos/resultados e também levando em consideração as minhas observações diárias pude traçar um perfil destes garotos e mostrar como as leituras que liam modificavam seus interiores e seus dias naquele lugar.

É, portanto, por acreditar na força e no poder que tem a leitura literária para interferir na vida do leitor e possibilitar a ele os meios de se (re) descobrir que mergulhei nesta pesquisa. Essa crença no poder da palavra em forma de arte é um dos motivos que movem os mediadores de leitura e de livros. Chegar até os espaços em crise com o intuito de levar a leitura literária àqueles que já não recebem quase nada além de julgamentos e negativas é, portanto, um desafio. Mediar a leitura significa estabelecer uma relação com o outro em que as memórias, os livros e as histórias sejam o meio para que esse contato ocorra. A partir daí, cria-se o vínculo entre o mediador e o leitor, pois a troca de experiências de leitura dá-se, em cada sujeito, de um modo único e, por isso mesmo, possibilita esse envolvimento, essa cumplicidade.

Possibilitar que a leitura literária e/ou das memórias de leitura, de alguma maneira, cheguem até o outro é contribuir para que ele possa olhar para dentro de si e encontrar algumas inquietações ou até respostas norteadoras para sua vida. Tenho percebido ao longo de minha caminhada como educadora que o que contribui para que esse encontro

aconteça é a sensibilidade. É preciso aguçar a percepção, despertar os sentidos a fim de atingir o grandioso, que é “o si mesmo”. É através do movimento desencadeado pela literatura, que por sua vez tem sua natureza catártica, é que se mobilizam os afetos, a percepção e a razão a fim de atender às impressões que o discurso causa no leitor com o intuito de mobilizá-lo à comoção, tirá-lo de seu lugar comum e fazê-lo olhar para dentro de si, descobrindo-se um sujeito único. Sujeito este que, mesmo desacreditado, isolado e privado de liberdade possa conferir outros significados para sua vida a partir do que lê e do que se projeta desde a leitura.

Dessa forma, o leitor que se mostra atingido, ou tocado pela leitura literária de modo insigne, que fora realmente tocado em seu íntimo, que tenha se descoberto como sujeito único, também precisa reconhecer no seu interlocutor um outro eu, a alteridade; ele precisa solidarizar-se com esse outro no sentido de estabelecer o direito de dizer, de pensar e querer, mesmo que seus desejos, interesses e modo de ver as coisas e o mundo sejam totalmente diferentes. As práticas de leitura devem, então, ir além de notas e ilustrações sem nenhum efeito realmente transformador, devem ultrapassar as barreiras da inércia social dominante, pois ler representa, dentre tantas outras coisas, a possibilidade de solidarizar-se pela reflexão e pelo diálogo com o outro, a quem se tem a oportunidade de alterar e ser, de algum modo, também alterado em sua subjetividade.

Assim, este artigo pretende desenvolver uma discussão acerca da experiência de leitura realizada em uma instituição de Assistência Sócio Educativa (FASE), o Case Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. Partiremos, então, de alguns conceitos relacionados à leitura e a sua recepção para podermos abranger a teoria relacionada aos espaços em crise e as experiências de leitura neste espaço. Para dar sustentação teórica à pesquisa buscamos os postulados da pesquisadora da área de leitura em espaços em crise Michèle Pettit (1999, 2005, 2009) e o pesquisador Michel Peroni (2003). No que se refere às experiências de leitura e as relações com a subjetividade do leitor Jorge Larrossa (2003, 2011) dará a sustentação. Sobre os conceitos que giram em torno da leitura e sua recepção temos Vicent Jouve (2002), Wolfgang Iser (1979, 1996) e Hans Robert Jauss (1994). Acreditamos que a arte literária, mediada pela relação que se estabelece entre os ocupantes de espaços em crise envolvidos em atividades leitoras, possibilita o encontro, o diálogo consigo mesmos, o olhar para o seu interior a partir do texto. Levar a literatura até adolescentes e jovens

privados de liberdade e que na maior parte de suas vidas, pouco tiveram contato com ela é um grande desafio que abre a possibilidade de fazer a diferença na vida de cada leitor tocado pelas experiências de leitura compartilhadas.

A LEITURA E SUA RECEPÇÃO

A Estética da Recepção, que surge na década de 1960, tem Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser como seus principais expoentes. Essa corrente alemã pretendia resgatar a dimensão histórica da literatura incluindo nessa discussão um novo elemento, o público, e permitindo que se levasse em conta um novo critério de literariedade: a alteração do “horizonte de expectativas do leitor”. Assim, o estudo histórico da literatura deveria buscar a compreensão das obras que tivessem sido capazes de alterar esse horizonte em cada momento histórico. De acordo com Jauss em sua obra *A história da literatura como provocação à teoria da literatura* (1994), a reconstrução do horizonte de perspectiva sob o qual uma obra foi criada e recebida no passado contribui para que se apontem questões pertinentes para as quais o próprio texto tem respostas. Além disso, há a contribuição no que diz respeito à clareza ao leitor de hoje acerca do modo como os anteriores teriam recebido e compreendido a obra.

Neste sentido, é possível perceber a noção de recepção formalizada por Hans-Robert Jauss (1994), a qual menciona um leitor que também é social, um “leitor comum” – aquele que é o destinatário preferencial do texto literário, e que não é um especialista em estudar a literatura como o crítico. Foi o que comprovamos em cada menino leitor do Case ao comentar acerca das leituras que realizava. Mesmo não sendo conhecedor da história da literatura, mostravam-se capazes de relacionar o que liam com suas vidas e experiências. Dessa forma, o estudo da recepção das obras, abre espaço para compreender o leitor-crítico como uma das instâncias – a outra seria a que o autor chama, amplamente, de “público” – são aqueles que possibilitam perceber materialmente, através de ensaios publicados em jornais, revistas e livros, os modos pelos quais uma obra é recebida.

Para Jauss (1994), a experiência estética não se inicia pela interpretação, nem pela reconstrução da intenção do autor, mas pela experiência primária frente a uma obra de arte, a qual se realiza na relação de sintonia com seu efeito estético, isto é, na compreensão

fruidora e na fruição compreensiva. Esta experiência estética era percebida por nós, principalmente, quando os garotos se deparavam com textos mais musicais, com maior sonoridade e ritmo, como por exemplo os poemas da literatura marginal ou os *raps* que ouvíamos. Muito antes de estabelecerem relações de interpretação, o que faziam era identificar-se esteticamente com o texto. Isso nos mostra que há dois modos de examinar a recepção: comparar o efeito atual de uma obra de arte com o desenvolvimento de sua experiência e formar o juízo estético, com base nas duas instâncias do efeito e da recepção. Formar-se-ia, desse modo, um método de o pesquisador defrontar-se com o objeto literário que vai muito além da análise e interpretação da obra literária – condições anteriores da existência da pesquisa em literatura –, mas resvala para pressupostos metodológicos da História e da Sociologia, que formalizariam uma tendência de pesquisa marcadamente interdisciplinar.

Jauss mostra-se claro quanto ao programa resultante da ampliação das teses desenvolvidas anteriormente em *A história da literatura como provocação à teoria literária* (1994) quando diz que para que se possa analisar a experiência do leitor ou da sociedade de leitores de um tempo histórico específico é preciso estabelecer a comunicação entre os dois lados da relação texto e leitor. Ou seja, entre o efeito, como o momento condicionado pelo texto, e a recepção, como momento condicionado pelo destinatário. Assim, víamos em cada encontro de leitura, garotos que cumpriam medidas socioeducativas em uma instituição de onde não podiam sair quando quisessem lendo poesias. Poesias estas que desde a estrutura, concepção e finalidade apontam para a ideia de criação; e criação é liberdade. O que sabemos, então, é que o efeito que cada texto provocava em cada leitor, verdadeiramente, nunca poderemos mensurar.

A Estética da Recepção, então, ao enfatizar a relação autor-obra-público, incorpora também a relação leitor-sociedade. Essa corrente também chamada de Escola de Constança valoriza o leitor além de introduzir o conceito de interpretação da obra literária, permitindo, com isso, que o receptor realize inferências no texto. Não havia um só encontro que os garotos não estabelecessem contatos pessoais com o que liam. Suas vivências se faziam presentes nos versos e nas histórias lidas, vistas ou contadas por nós. Estas inferências nos textos, mesmo que não verbalizadas no momento do encontro, vieram à tona nas escritas individuais que nos auxiliaram na percepção das (trans)

formações de cada um ao longo dos encontros. Seguimos em cada intervenção de leitura o que Wolfgang Iser desenvolveu acerca dos estudos das estratégias que os textos adotam para atingir o leitor, além do repertório de temas e alusões familiares a ele, nos detivemos ao efeito que a obra exercia sobre eles.

Nesse sentido, Iser (1999) aponta que a diferenciação entre os dois pólos da relação texto e leitor objetiva a concretização do sentido nomeada como duplo horizonte: o interno ao literário, exigido pela obra e o mundivivencial, trazido pelo leitor de uma determinada sociedade por conta de suas experiências e vivências. No entanto, o próprio teórico, revelando os limites de aplicação de sua teoria, afirma ser o estabelecimento do horizonte de expectativa interna ao texto menos problemático (já que deriva do próprio texto), enquanto que o estabelecimento do horizonte de expectativa social seria mais problemático, já que não é tematizado como contexto de um mundo histórico, ou seja, não é datado nem possível de ser mensurado, pois leva em considerações percepções internas e individuais.

Por nossa pesquisa tratar do imponderável, todos os dados que levamos em consideração para análise se referem a percepções individuais, a lembranças, as quais, só podem ser realmente confirmadas por cada um dos envolvidos, sem forma de comprovação. Assim, analisamos o que cada um disse ou não disse a partir do que leu. Como cada um possui horizontes de expectativas muito particulares e individuais, o alcance ou não é, praticamente, impossível de ser mensurado. Assim, nossos resultados serão, talvez, por muitos, desacreditados. Mas, certamente, por tantos outros, vistos como descobertas que permitem explorar um espaço pouco habitado e com inúmeras possibilidades de ressignificações.

Os vazios deixados pelos textos que cada garoto leu serviam para eles como função provocadora de seu trabalho de leitor, tarefa esta que não é aleatória, mas estruturada, mesmo quando tenha que lidar com diferentes tipos de vazios, já que estes, em vez de confundi-lo, têm a capacidade de guiá-lo pelos meandros do texto. Assim, o menino leitor que se via preparado para preencher adequadamente as lacunas textuais mostrou-se um leitor participante, “incomum” – no dizer do crítico literário George Steiner (2001) –, ou seja, aquele que não só apreende e compreende a obra, mas que permite reescrevê-la segundo suas percepções. Isto é: trata-se de um leitor similar a um crítico.

O que víamos, então, era que, conforme a teoria iseriana, no ato da leitura, os garotos recompunham o texto, e na medida em que se envolviam com o lido, transcendiam a ele. Nesse sentido, vimos que a leitura, além de ser um processo dinâmico, também se mostrou uma atividade sintética que exigia desses leitores irem além dos dados textuais, dando-lhes novas configurações, de modo que permitam a formação de novos textos. O faziam movidos por outros, anteriormente construídos, pois realizavam a atualização do texto ao transferi-lo para suas consciências, ou seja, o texto ativa tanto a capacidade de apreensão das ideias apresentadas pelo autor, quanto das ideias criadas pelos leitores. A experiência com a leitura que cada garoto viveu permitiu, então, que autor e leitor usufríssem do fenômeno estético, compartilhassem da fantasia e jogassem com o texto.

Assim, a perspectiva do autor e a experiência do leitor conferem à leitura um caráter comunicativo, de interação, intersubjetividade e transcendentalidade. Esses três corpos que atuam em conjunto no momento da leitura: o autor, o texto e o leitor colaboram, então, para que o ato da leitura produza um efeito. Esse efeito, contudo, é que interfere diretamente na possibilidade que terá o sujeito de reconhecer a si mesmo e o seu mundo, no texto.

A LEITURA COMO POSSIBILIDADE DE VER A SI MESMO ALÉM DO MUNDO

O pesquisador francês Vincent Jouve (2002) afirma que existem alguns processos de significação pelos quais a leitura perpassa: neurofisiológico, cognitivo, emocional, argumentativo e simbólico. Segundo ele, são interligados e, porque não dizer, dependentes, pois caminham progressivamente de maneira que um completa o outro. Dessa forma, perceber o nível argumentativo proposto pelo texto é algo impossível para o leitor que não consegue abstrair nada da leitura por ser ela muito superficial. Dar-se conta da intenção discursiva do texto é característica fundamental do leitor proficiente, aquele que acompanha e progride a cada nova palavra que lê, estabelecendo associações e buscando simbologias em seu mundo, em seu meio. Se o que for lido estiver distante simbolicamente do leitor, este não consegue realizar inferências, e a leitura torna-se sem sentido. Por conta disso, foi de extrema importância o fato dos garotos terem escolhido as temáticas a serem

trabalhadas nos encontros. A partir daí, os diferentes gêneros textuais trouxeram presente os assuntos que eles estavam dispostos a ler, debater, refletir.

Outro elemento importante ao discutir os aspectos relacionados à leitura é perceber que o saber está diretamente ligado ao poder. Adquire-se saber através de questionamentos, da dúvida, do tentar mudar o imutável. O indivíduo cresce e produz saber toda vez que se depara com uma situação e procura revolucionar para modificá-la. Aprender a ler é também transformar a situação que faz com que não se saiba ler, é não se ver passivo e submisso diante do texto. Por isso, é preciso dialogar com ele e construir saberes (FOUCAMBERT, 1994). As leituras realizadas tanto no grande grupo como também nas celas, depois dos encontros, permitiam que cada um dialogasse com o que lia. Por inúmeras vezes ouvia o relato de algum dos meninos sobre o quanto ficavam rememorando o que haviam lido, quando estavam “no breti”, como mencionavam, no silêncio de sua solidão.

É neste momento que realmente acontece o que Larrosa (2003) chama de experiência de leitura, pois o silenciar a mente e o coração para deixar o texto falar/agir dentro de si é fundamental para a (trans) formação. O contato do leitor com o texto no processo que envolve o ato de ler e as implicações que essas ações leitoras trarão para si são de extrema relevância para os efeitos que terão a leitura para interferir em sua subjetividade. São as experiências de leitura compartilhadas e mediadas por “um outro” que participa desse processo, então, que conduzirão os leitores aos seus próprios interiores, alterando o modo como olham para si e redirecionando seus olhares para o mundo e os outros.

LEITOR E MEDIADOR: As experiências de leitura compartilhadas

Apresentar a magia dos livros e da leitura para jovens que não tiveram este contato na família ou na escola quando crianças é uma das ações mais bonitas e gratificantes que tenho vivido. A tarefa de mediação de leitura nos desafia a aprender e reaprender a cada novo encontro com leitores. Em um artigo denominado “Un arte que se transmite”, a pesquisadora francesa Michèlle Petit comenta que muitas são as experiências que nos

ajudam a provar a afirmação de que a leitura é uma arte que se transmite, muito mais do que se ensina e essa arte é iniciada, quase sempre no seio familiar. Segundo a autora,

O meio social e familiar tem, nesse caso uma influência determinante; antes que o professor, antes que o bibliotecário, o primeiro mediador é a mãe algumas vezes o pai, quando o mesmo é um grande leitor ou valoriza muito a leitura, ou uma avó, uma babá a quem a criança é confiada. (PETIT, 2006, p. 99. Tradução nossa)².

Como se pode notar, a atividade de mediação leitora, muitas vezes, não se manifesta através da prática da leitura no seu sentido literal (livro impresso), mas sim, através da prática da cultura da oralidade. Temos a figura da mãe, a cantarolar pequenas canções para o bebê dormir, ou em outras situações, em que a figura materna é extremamente ocupada com o sustento e organização do lar, surge a avó ou ainda, em menor frequência, o pai. Ter livros em casa, cantarolar histórias e falar sobre livros é um importante passo assumido pelo mediador a caminho da formação de leitores. Contudo, a presença e a manifestação da leitura e/ou da cultura oral na vida da criança, desde a primeira infância, não garante que ela se tornará um exímio leitor, no entanto, é uma influência positiva em sua vida e em sua formação. Nesse sentido, a pesquisadora francesa explica que

O gosto pela leitura não depende apenas, em grande medida, do interesse que os pais mesmos expressam pelos os livros, mas também e antes disso, dos intercâmbios precoces que a mãe (ou a avó, a babá, às vezes o pai) teve com seu filho, onde o registro afetivo, a solicitação sensível e tônica do corpo, e o jogo da linguagem trazido pelas escanções e entonações da voz, estão estreitamente mesclados. (PETIT, 2006, pág 102. Tradução nossa)³.

É, dessa forma, que o despertar sensível, intelectual e estético da criança é construído. Contudo, essa construção está intimamente ligada à capacidade que tem esse primeiro mediador de estabelecer esse vínculo com ela e ser capaz de utilizar a linguagem,

² El medio social y familiar tiene en este caso una influencia determinante; antes que el profesor, antes que el bibliotecario, el primer mediador es la madre – algunas veces también el padre, cuando él mismo es un gran lector o valora mucho la lectura, o una abuela, una nana a quien el niño es confiado (PETIT, 2006, pág 99).

³ El gusto por la lectura no sólo depende, en gran medida, del interés que los padres mismos expresan por los libros, sino también, y antes de esto, de esos intercambios precoces que la madre (o la abuela, la nana, a veces el padre) tuvo con su hijo, en donde el registro afectivo, la soliciación sensible y tónica del cuerpo, y el juego del lenguaje traído por las entonaciones de la voz, están estrechamente entremezclados. (PETIT, 2006, pág 102).

a entonação de voz e os gestos a fim de despertar neste pequeno o interesse pelo que ouve e vê. Entretanto, sabemos que nem todas as crianças têm o privilégio de serem geradas no seio de famílias que veem a leitura e/ou a cultura da oralidade como importantes elementos de constituição do sujeito. Infelizmente, muitos pequenos somente terão contato com os livros, as histórias e as cantigas, quando estiverem frequentando a escola. Esse será, então, o novo espaço que substituirá a responsabilidade da família para o despertar da leitura. Os professores serão aqueles que terão a tarefa de suprir as lacunas emocionais e afetivas que a relação entre criança x livro x mãe (avó, babá ou pai) deixou. Contudo, nem sempre a escola se mostra eficiente para cumprir este papel. O currículo apertado e a falta de pessoal capacitado impedem a realização de atividades que promovam a leitura para além da obrigação.

É por conta dessas falhas na engrenagem do sistema familiar, escolar e social, que surgem, cada vez mais forte a presença da figura do mediador de leitura, ou também chamado mediador de livros. Muito além dos espaços da escola ele se faz presente como um importante elemento que vai interferir no processo de leitura a fim de contribuir para que se estabeleçam vínculos através das experiências trocadas pelos leitores. Nesse sentido, Patrícia Pereira Leite, psicóloga clínica e psicanalista do Instituto de Psicanálise de São Paulo e também coordenadora e fundadora do Centro de Pesquisas e Estudos em Leitura e Literatura, “A cor da letra”, em texto escrito para conferência no Salão do livro, em Paris, explica que

Mediação de leitura é uma situação em que duas ou mais pessoas estabelecem uma relação por meio da leitura de histórias e do contato com os livros de literatura. A leitura de um texto é infinita, mas o momento em que o mediador compartilha com a criança a leitura, a troca de experiências que este ato envolve é único, porque inclui vínculo ali estabelecido. (LEITE, 2005, p.1).

Assim, o mediador se propõe a compartilhar, com todos, os prazeres, as belezas, as descobertas que as leituras podem proporcionar através de uma ação livre de regras e de obrigações (como muitas vezes a leitura é tratada). As relações travadas entre os livros, os leitores e os mediadores é, portanto, de cumplicidade, quando cada um, com seu ritmo e ao seu tempo estabelece as suas relações com o que leu. Na ação que realizamos no Case

Caxias do Sul apresentamos aos leitores livros que, quase sempre, apresentavam-se sozinhos, quando cada verso ou parágrafo construía sentido no caminho dos garotos. Por outras vezes, fazia-se necessário construir pontes, como explica Petit:

(...) um mediador cultural pode, em certas condições não intrusivas, propor objetos capazes de abrir um espaço, uma margem de manobra, para aqueles e aquelas que, devido a sua história, não dispõem de um espaço psíquico livre, de uma área intermediária. (PETIT, 2006, pág 109. Tradução nossa)⁴.

Os mediadores podem ser, então, em muitas situações, aqueles que substituem a família nessa primeira relação com os livros e a leitura, só que, quase sempre, tardiamente. Esses anônimos cumprem o importante papel de preencher esses espaços ociosos do passado com palavras e histórias, com fantasias que são imprescindíveis para a infância e que, em algum momento dessa fase, deve-se interpor entre o real e cada pequeno ser. Como muitos não tiveram essas oportunidades e esse contato, os mediadores é que irão retomar ou construir as imagens perdidas da fantasia infantil. Assim, Michèle Petit acredita que o contato através de

Relatos, poemas, mitos transmitidos por um iniciador, ditos por sua voz que protege são algumas vezes capazes de construir o equivalente a um vínculo tranquilizador que nunca teve: pois a segurança psíquica e a narrativa se revelam como forma recíproca de vínculo. Trabalho sutil, que exige frequentemente atenção singular, como o realizado em contextos difíceis, inclusive os de violência, por bibliotecários, trabalhadores sociais, voluntários, professores, em particular em vários países da América Latina, mas também do Oriente Médio. (PETIT, 2006, p. 109. Tradução nossa)⁵.

Sabemos o grande valor que têm os mediadores no processo de transmissão cultural e de resgate da fantasia e da magia dos livros na vida daqueles que ainda não tiveram a oportunidade de vivenciar tais experiências. Contudo, também somos sabedores do quanto é delicada a posição em que estão, pois mantêm contato com a sensibilidade, com aquilo

⁴ (...) un mediador cultural puede, en ciertas condiciones no intrusivas, proponer objetos capaces de abrir un espacio, un margen de maniobra, para aquellos y aquellas que, debido a su historia, no disponen de un espacio psíquico libre, de una área intermedia (PETIT, pág, 109, 2006)

⁵ Relatos, poemas, mitos transmitidos por un iniciador, dichos por su voz que protege, son algunas veces capaces de construir el equivalente de un vínculo tranquilizador cuando éste hizo falta: pues la seguridad psíquica y la narratividad se revelan en un vínculo recíproco. Trabajo sutil, que exige a menudo una atención singular, como el realizado en contextos difíciles, incluso violentos, por bibliotecarios, trabajadores sociales, voluntarios, profesores, en particular en varios países de América Latina, pero también en el Medio Oriente. (PETIT, 2006, pág 109)

que há de mais íntimo de cada ser: sua subjetividade. Ainda mais quando, como em nosso caso, atuam em espaços não formais de leitura, uma instituição que abriga meninos em privação de liberdade. Por isso, o preparo de cada mediador deve ser tomado com muita atenção e cuidado; boas intenções não são suficientes para assumir importante tarefa. Conhecer as limitações de cada leitor, respeitar suas histórias de vida e propor um olhar para dentro de si, através dos textos e histórias deve ser uma premissa.

AS MURALHAS TORNAM-SE INVISÍVEIS A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE LEITURA

Assim como os adolescentes com os quais convivi durante a pesquisa, todas as pessoas, inevitavelmente, em alguma fase de suas vidas, atravessaram ou irão atravessar espaços/situações de crise. Estes locais, situações ou momentos são descritos como desde aqueles em que remetem à guerra, ao uso de armas e bombas, como também aqueles que representam distintas práticas de violência e de exclusões até aos conflitos familiares. Alguns são considerados mais graves, mais duradouros e marcantes, mais tristes e cruéis do que outros, no entanto, são situações que remetem a estados próprios de crise, de dor, de sofrimento, de privações, pelas quais, em algum momento de nossa existência, vamos nos confrontar. Segundo afirma a pesquisadora francesa Michèle Petit,

cada um de nós é um espaço em crise. Os seres humanos têm, diga-se, uma predisposição originária, antropológica, à crise: nascemos prematuros, nós somos marcados por uma fragilidade cujos vestígios permanecem ao longo da vida. Porém, saídas nos são oferecidas para que não sejamos atingidos pelos componentes destrutivos daquilo com que somos confrontados. (PETIT, 2009, p. 33).

As saídas da crise, então, giram em torno das ideias. São elas que, de certa forma, podem nos libertar das aflições transformando as ações nocivas ao nosso coração em um potencial transformador que libera alegria e nos permite voltar a sonhar, a imaginar, a potencializar ações positivas. Essas ideias estão intimamente ligadas aos livros, à leitura em especial, pois “os livros lidos ajudam algumas vezes a manter a dor ou o medo à distância, transformar a agonia em ideia e a reencontrar a alegria.” (PETIT, 2009, p. 34).

Estas suspensões mencionadas pela autora podíamos comprovar nos relatos escritos de muitos dos garotos a cada encontro; quando diziam poder sair do espaço em que estavam e viver outras emoções, sentíamos o quanto cada texto lido era transformado em experiência vivida ou revivida. Relatavam que o tema discutido neste ou naquele encontro os fez recordar de situações importantes em sua vida, quase sempre a infância, de modo que os permitiam sentir-se melhor, pois nesta fase da vida eram pouco julgados e/ou condenados. Mencionaram, ainda, que determinado tema os possibilitou sair desse espaço de privações, de dores e lamentos e frequentarem, nem que por uns minutos, outros lugares. Dessa forma, as imagens e as palavras que brotavam das páginas dos livros lidos pelos sujeitos habitantes desse espaço, tornaram-se meios para desviar de modo sensível o curso de suas vidas e poderem, assim, repensar acerca de suas relações consigo mesmos e com o mundo.

É, então, com o intuito de ampliar os debates em torno das práticas leitoras realizadas em diferentes partes do mundo, que muitos pesquisadores têm se dedicado a realizar e /ou observarem atividades como estas. Conforme diz Petit, é preciso perceber a “transmissão cultural como forma de tornar o mundo habitável” (PETIT, 2006, p. 1). Tanto nos países mais sofridos da América quanto na Europa, os mediadores de livros e de leitura procuram ampliar seu grupo a fim de oportunizar a um número cada vez maior de pessoas a possibilidade das trocas culturais, mesmo em espaços em crise. Falar de leitura em espaços em crise parece ser algo difícil de tornar realidade uma vez que a atividade de ler está intimamente ligada à troca, ao deixar-se seduzir pela palavra de outro, seja ela oral ou escrita. Contudo, quando optei por realizar a pesquisa com os meninos internos da Fundação Case, uma das questões que mais me intrigava não era o medo da violência que eu por ventura poderia sofrer – esse era um dos comentários fascistas que eu ouvia de alguns de meus colegas pesquisadores – tão pouco o barulho das portas de ferro e dos cadeados se fechando atrás de mim a cada passo que eu dava ao ser conduzida por agentes penitenciários pelo interior da instituição até a sala onde eu trabalharia. A questão que me acompanhava e insistia em não calar era como que esses meninos, privados de liberdade, sofrendo por conta de práticas violentas, por necessidades econômicas e sociais ou de qualquer outro tipo de mazela, poderiam se deixar seduzir pela leitura? Como poderiam os livros e a leitura preencher os espaços vazios do interior desses seres que habitam os espaços em crise, tão cinzentos, tão tristes e gélidos?

Contudo, a cada poesia que eu lia para eles nos encontros, a cada *rap* que escutavam ou a cada conto que lhes apresentava, uma chama de esperança se acendia em seus interiores. Muitos desses garotos, infelizmente, não tiveram a oportunidade de, na infância, terem o contato com livros e leituras. Assim, o que diz a pesquisadora francesa Michèle Petit (2006) ao afirmar que a literatura é uma forma de arte que muito mais se transmite do que se ensina foi comprometida na vida destes garotos e, agora, caberia a mim este resgate. Segundo Petit (2006), é na infância, em sua grande maioria, que todos têm alguém que é o responsável pela mediação dessa arte verbal, seja ela cantada, contada ou lida. Assim, a família tem um importante e determinante papel na formação do leitor. Na grande maioria das famílias, a mãe é aquela responsável por acalantar seus filhos através das canções de ninar, das histórias, das parlendas. Dessa forma, desde bebês, as crianças são introduzidas no universo cultural de seu grupo familiar, se não pela mãe, por uma avó, uma babá ou, com menor frequência, pelo pai. Essa introdução ao mundo da leitura basta para uma criança se tornar um adulto leitor? Sabe-se que isso não é o suficiente, no entanto, se ela cresce rodeada por livros e ouvindo falar sobre eles, se é acostumada a valorizar práticas culturais, será mais fácil que se torne um adulto leitor.

Contudo, o que dizer daqueles que crescem sem manter contato com essas práticas culturais letradas? O que dizer daqueles que não conheceram o jogo da linguagem expresso através da entonação de versos rimados pronunciados por uma voz que acalenta, embala e faz adormecer? Como se dará o despertar sensível, intelectual e estético dessas crianças? Essa é, infelizmente, a realidade da maioria do grupo de meninos que realizou as oficinas no Case. Assim, sem a presença do mediador, a criação desse espaço mágico de memória foi preenchido de outra maneira, com outras formas que não as histórias e os livros. Essa carência pode ter sido um dos inúmeros fatores pelos quais, tão precocemente, estes garotos tenham conhecido o mundo do crime e tenham vindo a frequentar este espaço em crise.

Por preocupar-se com esses cidadãos excluídos dos processos de transmissão cultural e por acreditar que as experiências de leitura são extremamente importantes para que se possa construir a subjetividade dos sujeitos é que os mediadores culturais, em diferentes países do mundo e em distintos espaços em crise, atuam, como é o caso deste projeto que desenvolvi na unidade de internação socioeducativa. Pois se a família e o

estado falham é preciso agir por outros meios. Diante de tais realidades cada vez mais frequentes e visíveis à sociedade, muitos pesquisadores têm voltado seus estudos a esses grupos de pessoas a fim de realizar práticas de transmissão cultural que visem influenciar positivamente em suas vidas como forma de viverem melhor e encarar seus problemas e dificuldades de maneira menos dolorosa. Assim, quando líamos e conversávamos sobre infância ou família estávamos entrando em um território dolorido para todos, pois estar privado de liberdade é estar distante de quem se ama e também afastado da fase da vida que representa a pureza, a alegria, a magia e o sonho. Mesmo percebendo a tristeza no olhar dos garotos, via também a possibilidade de voltar seus olhares para dentro de si e retomar momentos que foram felizes a fim de recuperar situações que lhes permitiam identificar-se com os seus e com o que realmente eram.

Minha pesquisa encontrou elementos comuns nos relatos do estudo realizado pelo francês Michel Peroni (2003) em um presídio da França quando ele traz presente a relação que possuem estes cidadãos privados de liberdade com os livros e de que forma esse material escrito tem contribuído para a reconstrução dos sujeitos denominados por ele de “poco lectores”. Esta aproximação se sustenta devido aos relatos dos garotos que afirmaram por muitas vezes nos encontros passarem a ver-se diferentes a partir do que leram; que os textos traziam até eles além de conhecimentos, sensações de paz, tranquilidade e amor. Traziam possibilidades, sonhos e esperanças. Também Michèle Petit, em sua obra *A arte de ler ou como resistir à adversidade* (2009), relata inúmeras experiências de leitura com distintos públicos de diferentes faixas etárias e demonstra através da análise de seus resultados o quanto as atividades com a leitura literária e o resgate da tradição oral das comunidades têm contribuído para o desenvolvimento da subjetividade dos participantes. Além disso, no caso dos adolescentes e jovens que vivem em espaços em crise, as experiências de leitura

tiram cada um de sua solidão, fazem-no compreender que esses tormentos são compartilhados pelos que estão ao seu lado, mas também por aqueles que encontra nas páginas lidas ou por quem as escreveu. Em mais de um caso, essas experiências literárias contribuem para a formação de uma sensibilidade e uma educação sentimental. (PETIT, 2009, pág. 165).

O fato de perceber a literatura como possibilidade de reconhecer-se enquanto sujeito mexe com a subjetividade do indivíduo, forma e transforma a sua personalidade a ponto de interferir em suas vivências. Assim, os meninos do Case viram em si e no outro uma possibilidade de reconstrução que as leituras motivavam. Nas palavras do pesquisador Jorge Larrosa, trata-se de “pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos deforma ou nos transforma), como algo que nos constitui ou nos questiona acerca do que somos.” (LARROSA, 2003, p. 25-26. Tradução nossa)⁶. Assim, a leitura não pode ser vista apenas como algo que possibilita a evasão do mundo, mas sim uma forma de pensá-lo, com ele interagir e nele agir. Os garotos refletiam sobre suas próprias vidas e de como passariam a geri-las assim que tivessem uma nova oportunidade, mas não só ao saírem do espaço em crise que se encontravam, mas desde o momento em que foram tocados e (trans) formados.

Através das experiências de leitura torna-se possível o estreitamento do vínculo entre o mediador e os leitores participantes, principalmente, quando estes vivenciam espaços em crise e precisam sentir-se acolhidos por algo e/ou alguém que compartilha de seus medos, sonhos, desejos, anseios. Assim, foi, principalmente, pelo cuidado com a seleção dos textos a serem trabalhados nas oficinas que fizemos o encantamento surgir e a experiência acontecer. Cada texto tocava de maneira especial e distinta em cada um que se permitia envolver. Com muita ludicidade e também seriedade abordamos as temáticas escolhidas por eles permitindo que os textos os acolhessem da mesma forma que eles aos textos. Somente com a permissão de cada um é que a palavra pode tocar e transformar. Os meninos mostraram-se abertos ao novo e às possibilidades que os livros e as leituras lhes propunham.

Atingir e ampliar os horizontes de expectativas sempre foi nossa meta alcançada em cada encontro. A presença constante dos garotos nas oficinas e relatos diários dos meninos nos mostrava isso e nos dava a segurança para prosseguirmos. O contato entre mediador, leitor e texto foi a via condutora do trabalho. O envolvimento que tivemos extrapolou os textos e a troca de confiança entre todos os envolvidos permitiu que fôssemos tocados pela literatura e esta pudesse interferir em nossas subjetividades.

⁶ [...] pensar la lectura como algo que nos forma (o nos deforma o nos transforma), como algo que nos constituye o nos pone en cuestión en aquello que somos” (LARROSA, 2003, pág. 25-26).

Respeitamos os gostos e sugestões de leituras dos garotos e fomos trilhando um caminho que quase sempre partia do *rap* e da literatura marginal para outras artes consideradas mais “clássicas” e academicamente aceitas como Literatura. Assim, em um mesmo encontro, por exemplo, ouvimos o *rapper* Emicida e o compositor Sebastian Bach; lemos textos do poeta contemporâneo marginal Sérgio Vaz e o grande clássico Machado de Assis. Dessa forma, a identificação e o reconhecimento do leitor com e no texto ocorreu naturalmente, pois o jovem leitor percebeu que a literatura pode e faz parte de seu mundo muito mais do que ele poderia imaginar, mesmo sendo ele um menor que cumpre medida socioeducativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que os quase cinco meses em que frequentei semanalmente a Fundação Case me ensinaram é indescritível. A primeira sensação que tive foi de angústia e revolta por estar em um lugar que abriga adolescentes que poderiam estar praticando esportes nas praças, frequentando escolas profissionalizantes, ajudando suas famílias e sendo felizes, mas ali estão sendo vistos e julgados pela maioria da sociedade como aprendizes de bandidos que têm um alto custo para o governo. O que mais me revoltava nos primeiros dias era o fato de que se estes adolescentes tivessem nascido em “famílias de bem”, estruturadas conforme a sociedade as quer - papai, mamãe, cachorro e filhinho – e com poder aquisitivo para seu sustento, não estivessem neste lugar.

Quando então os conheci, o coração bateu forte. Senti em seus olhares a curiosidade que eu deveria suprir. Eles vinham até mim querendo algo. Esperando alguma resposta que eu deveria dar. Esperança? Alento? Atenção? Cuidado? O medo foi era de que eu não conseguisse dar as respostas que eles vinham até mim, todos os sábados buscar. O receio de não ser bem aceita pelo grupo, já que trabalharia leitura com meninos que, em sua maioria, eram pouco leitores, era uma realidade que assombrava muito mais do que as grades e os cadeados. Felizmente, a cada novo encontro, a alegria ia tomando conta de mim e a certeza de que as experiências de leitura que nós trocávamos iam nos construindo e reconstruindo. Isso porque, retomando as palavras de Larrosa (2003), acredito que a leitura é uma atividade que tem a ver com a subjetividade do leitor, o que importa não

pode ser apenas o que esse leitor sabe, mas principalmente, o que ele é. Valorizar os saberes de cada um, buscar suas histórias de leitura, suas memórias de infância, as cantigas e as brincadeiras foram o começo para estreitar uma relação de cumplicidade através da leitura.

A leitura literária, dentre tantas outras possibilidades, permite inundar-se de magia através da imaginação que o leitor é capaz de criar, mas também é capaz de despertar sensações, trazer à tona recordações que por vezes se acreditava nunca mais ser possível reviver. Ela é capaz de invadir os espaços obscuros e por vezes, inabitados de cada um, principalmente, quando se tratam de cidadãos pouco leitores e privados de liberdade. Contudo, sentir-se tocado pelo que leu não basta para o leitor que se permitiu viver a experiência de leitura. Essa experiência será válida no momento que se percebe que algo se passa com este sujeito, que se passa nele.

Assim, para que as atividades que realizamos com o grupo de meninos fossem realmente consideradas proveitosas para a pesquisa, ou seja, que realmente pudessem mostrar resultados, esses sujeitos deveriam, antes de tudo, manifestarem o interesse em correr o risco, em aventurar-se pelas palavras a fim de que algo pudesse, como diz Larrosa (2011), lhes passar, ou seja, algo deveria ocorrer neles, a partir do encontro com um outro. Por isso, as escolhas dos textos e o modo como abordá-los foi de extrema importância, pois tão relevante quanto o texto é a relação do sujeito com o que ele vai ler. O leitor precisa colocar-se a si mesmo naquilo que vai ler. A sua subjetividade deve estar relacionada ao texto para que, enfim, a partir dele, o sujeito possa se (re) construir.

Assim, a cada encontro, era notável que algo se passava nos sujeitos que ali se encontravam privados de liberdade, entre os muros de concreto, as grades da segregação e as muralhas invisíveis do preconceito e do abandono. Algo se passava em seus interiores a partir das palavras que liam e das ideias que surgiam ao relacionar o texto com seus mundos, com suas memórias e com suas possibilidades. O brilho nos olhos, a postura mais firme e o andar mais seguro já revelavam tais mudanças, sem mesmo antes termos lido suas impressões diárias. Assim, acreditamos que esse “acontecimento” dentro de cada um é o que poderá libertá-los de suas próprias amarras e possibilitar o autorreconhecimento e a (re) construção de suas subjetividades.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado. 1999.

FOUCAMBERT, Jean. A leitura em questão. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: **LIMA**, Luiz Costa (Coord. e trad.). A literatura e o leitor: textos da estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83-132.

_____. O ato da leitura: uma teoria do efeito estético. Tradução de Johannes Kreschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JOUBE, Vincent. A leitura. São Paulo: UNESP, 2002.

LARROSA, Jorge. La experiencia de la lectura. México: FCE, 2003.

_____. Experiência e alteridade em educação. Trad. Maria Carmem Silveira Barbosa e Suzana Beatriz Fernandes. Revista Reflexão e Ação. Santa Cruz do Sul, v.19, n 2, p.04-27, jul./dez. 2011.

PERONI, Michel. Historias de lectura. Trayectorias de vida y de lectura. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros. Trad. Denise Bottamann. 2. ed. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1994.

PETIT, Michèle. Nuevos acercamientos a los jóvenes y la lectura. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

_____. Una arte que se transmite. Desenredo: revista do programa de Pós-Graduação em Letras/ Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, Ed. da Universidade de Passo Fundo, vol. 1, n. 1, 2005. p. 99-116.

_____. A arte de ler – ou como resistir à adversidade. Trad. de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed.34, 2009.